



## Cultura acadêmica e diferentes formatos do seminário acadêmico

Hermes Talles dos Santos

Programa de Pós-Graduação em Linguística/UFSCar<sup>1</sup>

**Resumo:** *O seminário é uma atividade oral letrada e um dos gêneros do discurso comuns na comunidade acadêmica brasileira. Nesse contexto, essa atividade recebe formas diferentes, de acordo com os cursos em que é realizada. Com base nos estudos linguísticos sociointeracionistas, compreendemos que o contexto e as condições específicas referentes à situação de atividade de exposição oral, bem como às práticas social, discursiva e textual em que essa se realiza, modelam o gênero discursivo seminário, diferenciando-o, consoante cada curso superior. Nesse sentido, a esfera acadêmica comporta variações de um mesmo gênero, o que evidencia que essa é composta por múltiplas culturas. Por meio da análise de gravações de áudio e imagem de apresentações de seminários realizadas por estudantes recém-ingressos na universidade e das construções linguístico-discursivas por eles produzidas, objetivamos, com base em dados parciais de pesquisa, expor de que maneira compreendemos que esses fatores influenciam na modelagem do mesmo gênero em cada um dos cursos observados. Esperamos, com isso, contribuir para a compreensão da forma como os elementos constituintes do gênero seminário se organizam em situações de exposição oral acadêmica, a partir das características do contexto e das enunciações, e como estes projetam variações em um mesmo gênero discursivo de acordo com as diferentes culturas localmente construídas.*

**Palavras-chave:** Seminário, Gêneros do Discurso, Cultura.

**Abstract:** *Seminar is an oral literacy activity and an ordinary speech genre at Brazilian universities. In the academic context, this discursive activity is used in different ways, according to the undergraduate courses where it is performed. Based on social-interactionist language studies, we understand that context, specific conditions regarding this situation of oral activity, as well as social, discursive and textual linguistic practices, shape the speech genre seminar, making it different, according to each undergraduate course. Thus, we can consider that the academic setting includes variations of the same speech genre, which shows that it is composed of multiple cultures. Through analysis of audio and image recordings of seminars presented by first-year students of undergraduate courses and their linguistic and discursive constructions, based on partial data research, we aim to understand how these factors influence the modeling of the same gender in each one of the observed courses. Thereby we hope to understand how the elements of the genre seminar are organized in academic speech, considering the context and features of utterances, and how they produce variations in the same genre of discourse under the different locally-built cultures.*

**Keywords:** Seminar, Speech genres, Culture.

---

<sup>1</sup>hermao87@gmail.com



## 1. Introdução

Na esfera acadêmica brasileira circulam diferentes gêneros discursivos, que recebem características próprias desse contexto. O seminário, por exemplo, mantém traços de sua realização no ambiente escolar de ensino fundamental e médio, mas, ao mesmo tempo, ganha novos, próprios do ambiente acadêmico.

Por de meio da análise de três seminários, realizados por estudantes recém-ingressos em cursos de graduação de uma universidade pública do interior paulista e pertencentes a três áreas distintas do conhecimento (Ciências Agrárias, Exatas e Humanas), buscamos compreender, por meio da linguagem, quais semelhanças e diferenças existem nas apresentações de seminários, de acordo com as áreas de graduação. Assim, seria possível considerar que a esfera acadêmica seja formada por diferentes culturas? Haveria uma única cultura acadêmica com saberes e linguagem próprios, comuns a todas as áreas?

## 2. Língua(gem), contexto e grupos de interesse

Os estudos linguísticos sócio-históricos ou desenvolvidos pelo círculo soviético consideram que todos os *“campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem.”* (BAKHTIN, 2003: 262). Nesse sentido, é possível compreender que a organização das atividades de interação humana em torno das modalidades linguísticas, oral e escrita, ocorre em virtude do atendimento de suas finalidades comunicativas, as quais estão intimamente relacionadas aos conhecimentos produzidos e apropriados por determinado grupo ou sociedade (cf. MARX & ENGELS, 1984).

A escola psicológica e psicolinguística soviética, também conhecida como escola vigostkyana, considera ser por meio da **atividade** que o homem interage socialmente (cf. KOCH, 2008). A atividade humana é primordialmente social e sistêmica, uma vez que possui uma sistematização, isto é, uma organização, orientada pelos grupos sociais em que se realiza. Para Leontiev (1978), a atividade é constituída de motivação, finalidade e realização. É motivada, pois visa a determinado objetivo (finalidade), o qual necessita ser realizado (por meio de ações) para ser atingido. O teórico considera ainda que a linguagem é uma atividade assim como as demais. Dessa forma, ela também possui motivação, finalidade e realização, e,



consequentemente, é também social e sistêmica. Nesse sentido, a linguagem assume e difunde práticas e conhecimentos próprios de determinada sociedade (ou grupo social), que a organiza e também é por ela organizada. Assim, questões referentes a poder e a cultura também estão presentes na linguagem.

Bakhtin (2003) considera que a língua funciona quando o enunciador ao interagir produz enunciados<sup>1</sup> (orais ou escritos) que formam um todo significativo e, ao mesmo tempo, dão forma ao discurso. *“Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...], mas, acima de tudo, por sua construção composicional.”* (BAKHTIN, 2003: 261). Nesse trecho, fica evidenciada a relação entre língua e práticas sociais.

Compreendendo, pois, que a língua se adequa às condições e às finalidades de cada campo em que se realiza, chegamos à noção de que cada contexto interacional possui tipos de enunciados que se repetem de maneira muito semelhante, de acordo com a flexibilidade de cada contexto; por exemplo, o setor judiciário parece não possibilitar variações muito grandes em seus gêneros discursivos, enquanto o setor marqueteiro se apropria de diferentes gêneros, o que, por vezes, dificulta-nos traçar limites entre eles e rotulá-los. Conforme Bakhtin (2003: 262, grifos do autor) explicita, os gêneros são justamente *“tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos **gêneros do discurso**.”*, o que justifica, simultaneamente, a percepção do gênero e a dificuldade de categorizá-los, uma vez que não são plenamente estáveis.

Baseando-se, entre outros aportes, na concepção bakhtiniana, Fairclough (2001: 126) propõe definir gênero discursivo como

[...] conjunto de convenções relativamente estável que é associado com [...] um tipo de atividade socialmente aprovado, como uma conversa informal, a compra de produtos em uma loja, uma entrevista de emprego, um documentário de televisão, um poema ou um artigo científico [...].

Considera-se a existência de inúmeros tipos de atividades, que se adequam e se moldam de acordo com a situação interacional, conclui-se que há também inúmeros gêneros discursivos, por isso, os gêneros são *convenções relativamente estáveis*. Para compreendermos, tomemos como exemplo um artigo jornalístico e um artigo científico. Ambos pertencem ao grupo dos gêneros escritos, isto é, dos tipos de textos produzidos para serem divulgados e veiculados em



meios prioritariamente escritos (p. ex., revistas e jornais), pode-se considerar que, de maneira indireta, estas questões (de divulgação e veiculação) modelarão as atividades pertencentes a este gênero, pois “[...] *um gênero implica não somente um tipo particular de texto, mas também processos particulares de produção, distribuição e consumo de textos*” (FAIRCLOUGH, 2001: 161). Nesse sentido, os dois artigos serão produzidos – entendendo, neste momento, a palavra *produção* como o ato de confecção, de elaboração de algo dentro de determinada esfera de atividade – em forma de textos escritos, para serem distribuídos em meios de divulgação impressa, cujos consumidores serão necessariamente leitores, isto é, pessoas que saibam ler.

Compreender que a predominância de uma modalidade linguística está associada à constituição da atividade interacional humana e às condições de produção, circulação e consumo propicia revisitar a noção de distinção entre gêneros primários/elementares e secundários/complexos do discurso, proposta por Bakhtin (2003). Segundo esse teórico, os gêneros elementares são constituídos por formas de trocas verbais espontâneas, enquanto os complexos *“surtem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito).”* (BAKHTIN, 2003: 262).

Comumente, no Brasil, em uma visão bastante dualista, costuma-se compreender que os gêneros elementares são aqueles que ocorrem por meio da oralidade, enquanto os complexos, por meio da escrita. Isto é compreensível, mas está equivocada. Considerando que, geralmente, as trocas verbais espontâneas, antes do desenvolvimento tecnológico do século XX, ocorriam majoritariamente através de conversa, atividade oral, talvez se tenha entendido *espontaneidade* como sinônimo de oralidade, o que não condiz com a noção apresentada pelo teórico mencionado. A nosso ver, espontaneidade está associada à noção de imediatez (em que não há uma mediação tão forte da produção, consumo e distribuição do gênero) e à contextualização da atividade verbal dos coenunciadores (a situação comunicacional em que se encontram).

A consideração de que a escrita surge de condições complexas e organizadas do convívio cultural humano não está equivocada, entretanto, não seria essa a marca principal para se associar gêneros complexos à escrita. Na verdade, Bakhtin evidencia, ao empregar o termo *“predominantemente”*, que a escrita não é característica explicativa e constituinte para a compreensão dos gêneros complexos. Para nós, é justamente quando as condições de produção, consumo e distribuição de determinado gênero são mediatas e estão associadas a



condições complexas e organizadas de convívio cultural e de poder, e a atividades verbais não contextualizadas, o que constituiria os gêneros como secundários/complexos. Além disso, pode se pensar que atualmente há gêneros mistos, em que coexistem oralidade e escrita, como, por exemplo, telejornal, seminário, entrevista, conferência *etc.*, que surgem em uma sociedade complexa, para atender determinados propósitos interacionais, assim, eles se configuram como gêneros complexos, embora envolvam oralidade.

Nesse sentido, Motta-Roth (2009: 322), explora a noção de gênero bakhtiniano e sua relação com o contexto e com os conhecimentos construídos sócio-historicamente, *“genres are intersubjective representations of events that are constructed with reference to our shared experience of recurrent discursive situations. Thus they are relatively stable. At the same time, genres are social processes and thus dynamic, realized in different registers.”*<sup>ii</sup> As características próprias dos gêneros estão relacionadas, por um lado, às atividades e aos contextos em que ocorrem e, por outro, aos conhecimentos construídos sócio-historicamente por determinado grupo ou sociedade. Nesse sentido, a apropriação dos gêneros por parte dos membros de determinada sociedade está relacionada, a nosso ver, à participação em determinadas práticas de letramento, pois as características de funcionamento dos gêneros precisam ser apropriadas pelos enunciadores. Obviamente essa apropriação ocorre por meio da participação em atividades que envolvam tais gêneros.

Tomando como base os Estudos do Letramento, pode-se considerar que as atividades desenvolvidas na esfera acadêmica pertençam às práticas de letramento complexo e aos gêneros complexos. Nessa abordagem, essas práticas linguísticas são compreendidas como *“inextricably linked to cultural and power structures in society, and to recognise the variety of cultural practices associated with reading and writing in different contexts.”*<sup>iii</sup> (STREET, 1993: 07. Grifo nosso.). O autor relaciona práticas letradas a leitura e escrita, as quais envolvem certamente conhecimentos mais abstratos ou mediatos, quando comparadas a audição e fala, comumente associadas aos gêneros elementares, em que a interação verbal costuma ser contextualizada e imediata, no caso de algum gêneros como já discurremos anteriormente, porém, esse critério não permite agrupar atividades predominantemente orais como exclusivamente pertencentes aos gêneros elementares.

Compreendendo que as atividades orais do contexto acadêmico também pertencem a gêneros complexos, observa-se, com base nos Estudos do Letramento, que as atividades letradas estão intimamente relacionadas às estruturas de poder e que surgem em condições





de convívio cultural mais complexo e organizado.<sup>iv</sup> Com base em Cohen (1978), entendemos que as **práticas acadêmicas** sejam formas sistematizadas de manutenção da cultura<sup>v</sup> e do poder de uma instituição social em particular, a universidade, a qual é composta por grupos de interesse. Segundo Cohen (1978: 87), grupos de interesse são *“essencialmente políticos e [...] operam através de organizações, pois uma coletividade sem organização não é um grupo.”*

Considerando política como uma atividade de organização social orientada por formas de poder (cf. FREUND, 1975), notar-se-á que na esfera acadêmica, os grupos são formados por conta de empenho em desenvolvimento de pesquisas, construção de conhecimento, afinidades teóricas e campos de saberes, os quais podem ser compreendidos como formas de poder próprios deste contexto. De forma mais ou menos consciente, os participantes da universidade se organizam em grupos particularmente políticos, pois seus partícipes compartilham, em graus diferentes, dos conhecimentos construídos conjuntamente pelo próprio grupo social, esses conhecimentos, por sua vez, os investem de poder e cultura semelhante aos dos demais membros do grupo em que participam.

Ao mesmo tempo, esse domínio do conhecimento os distingue dos demais grupos existente no mesmo espaço. À primeira vista, esses grupos parecem não existir na academia, contudo, conforme Freund (1975: 166. Grifos meus.),

A atividade política [...] se desenrola no interior de um território delimitado. Não é necessário que as fronteiras sejam fixadas rigorosamente; podem ser variáveis; entretanto, sem a existência de um território que **particularize o agrupamento**, não se poderia falar de política.

Podemos considerar que os conhecimentos necessários para participar destes grupos são compartilhados por seus membros, tornando necessário certo domínio linguístico, discursivo, textual e genérico. Ao mesmo tempo, esse domínio dos conhecimentos particulariza os grupos, distinguindo-os dos demais coexistentes nesse mesmo contexto.

Nesse sentido, as práticas letradas envolvidas nas atividades acadêmicas funcionam como mantenedoras do poder e da cultura partilhada nos grupos de interesse, porque exigem conhecimentos culturais próprios daqueles que dela participam. Consoante Japiassu (1975: 116), *“Há todo um respeito admirativo em relação à linguagem científica, dotada de uma universalidade de direito, habilmente restringida aos iniciados.”* Não se trata evidentemente de uma sociedade secreta, mas, analisando as atividades desenvolvidas na academia e mesmo os próprios conhecimentos produzidos, por vezes, é preciso ser participante dela, e não só,



mas também de determinado grupo de interesse para conseguir compreender aquilo que aí se produz.

### 3. Análise dos seminários acadêmicos

Na tentativa de observar como a linguagem acadêmica agrupa e diferencia os sujeitos que participam de suas atividades e como os grupos desenvolvem características linguísticas que os diferenciam entre si, embora pertençam à mesma esfera, analisamos três apresentações de seminários, por meio do exame linguístico tridimensional da Análise Crítica do Discurso (ACD), proposta por Fairclough (2001).

A ACD, segundo Meurer (2005), é, concomitantemente, teoria e método de análise do discurso. Para esta, questões sociais e políticas-chave manifestam-se, em parte, também na linguagem, o que pode explicar aspectos da vida social e também da própria sociedade. Nesse sentido, a ACD nos auxiliará no entendimento de como a linguagem acadêmica se relaciona a cultura e poder próprios de determinados grupos universitários.

A análise é tridimensional e todas as dimensões estão interconectadas, sendo elas: texto, prática discursiva e prática social. De acordo com Meurer (2005: 83), a dimensão *textual* “*privilegia a descrição de aspectos relevantes do léxico, das opções gramaticais, da coesão ou da estrutura do texto.*” Essa seria a base para a interpretação das demais dimensões. Dessa forma, nota-se a força que a linguagem possui para a ACD.

Dentro da dimensão textual, Fairclough propõe ainda uma análise multifuncional, pois segundo ele (FAIRCLOUGH, 2001: 104), “*toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais*”. Dessa forma, faz-se necessário entender o que são as (multi)funções mencionadas.

A noção de multifunção foi desenvolvida por Halliday com base nos estudos estruturalistas-funcionais (cf. PAVEAU, M.-A. & SARFATI, G.-E., 2006). Segundo Halliday (1973), seria por meio das metafunções que se partiria do sistema e se chegaria ao texto. Por *sistema*, compreende-se o conjunto de escolhas do locutor no eixo paradigmático, enquanto, por *estrutura*, os modelos de combinações em torno do eixo sintagmático, sendo que esta altera as escolhas realizadas pelo enunciador no primeiro eixo. A partir da relação entre as estruturas linguísticas e suas funções, Halliday (1973) propõe três (meta)funções: 1. **Ideacional**, por meio



da qual o enunciador exprime sua interioridade e o mundo exterior; 2. **Interpessoal**, para estabelecer, manter e especificar as relações sócio-humanas; e 3. **Textual**, que organiza o discurso de acordo com a situação interacional.

Vamos analisar primeiramente a dimensão textual nos seguintes trechos apresentações de seminários:

Trecho 1 – Seminário da área de Ciências Agrárias. O tema apresentado foi *Transgenia*.

**Texto Slide (T.S.):** SENDO QUE A MONSANTO POSSUI SEMENTES PATENTEADAS EM SEU PODER AQUISITIVO.

**Maurício<sup>vi</sup>:** *Sendo que a Monsanto que acho que a maioria do pessoal aqui conhece possui sementes patenteadas em seu poder aquisitivo<sup>vii</sup>.*

**Maurício** [Tomé projeta o próximo slide, Maurício olha e antes de ler diz, ora olhando para o texto projetado, ora para o público, com alguns gestos sem muita relevância]: *A evolução, né, como funciona hoje em dia em relação aos transgênicos.* [Passa a ler o texto].

**T.S.:** EMBORA CIENTISTAS DEFENDAM A PRODUÇÃO DE TRANSGÊNICOS COMO UMA BOA SOLUÇÃO PARA A FOME, ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS E SUSTENTABILIDADE DA PRODUÇÃO ALIMENTAR. A EVOLUÇÃO GLOBAL DA ENGENHARIA GENÉTICA NA AGRICULTURA REVELA QUE AS PLANTAS TRANSGÊNICAS ESTÃO A SER RESPONSÁVEIS PELO AUMENTO MUITOS SIGNIFICATIVOS (SIC) NA APLICAÇÃO DE PESTICIDAS DOS CONTINENTES AMERICANOS (TRANSGÊNICOS FORA, 2010). [durante a leitura, Maurício ora olhava para o texto e ora para o público].

**Maurício** [fazendo gestos circulares com as mãos, olhando somente para o slide]: *Ou seja, ele tem o lado bom que é na parte da produção, que já está muito visível, mas algumas pesquisas que os cientistas estão fazendo mostram que tem uma parte ruim, que é o aumento significativo na aplicação de pesticidas, o que acaba provocando o câncer e a própria morte.*

**T.S.:** O CONSUMIDOR DEVERÁ SER INFORMADO SOBRE A PRESENÇA TRANSGÊNICA NO PRODUTO EM UMA PARTE RESERVADA DA EMBALAGEM PARA A IDENTIFICAÇÃO DOS INGREDIENTES. TAMBÉM DEVERÁ CONTER NO DOCUMENTO FISCAL, DE MODO QUE ESSA INFORMAÇÃO ACOMPANHE O PRODUTO OU INGREDIENTES EM TODOS OS PROCESSOS DA CADEIA PRODUTIVA.

**Tomé** [antes de começar a falar, lê rapidamente o texto do slide, arruma sua camiseta, passa as mãos sobre o rosto, e depois olhando para a audiência diz] *Além do produto... estar específico no produto, tem que estar vindo no cupom fiscal e em vários outros... é... meios de informar o consumidor e em todo o processo da cadeia de produção. Desde a produção o produto já tem que estar com esse certificado de transgenia até o produtor final, para que não ocorra alteração... para que possa o consumidor final estar a par do que que foi totalmente produzido com a transgenia, para que não ocorra aquela situação de você não quer consumir um produto com transgênico e no produto não tem a informação, você adquire o produto achando que não é transgênico e acaba consumindo um produto que é transgênico, sem ter essa informação.*

Trecho 2 – Seminário da área de Ciências Humanas. Tema: Variação linguística.





**T.S.** com um mapa do Brasil, dividindo o slide com o texto: DIALETO: CAIPIRA. FALADO NO INTERIOR DE SP, NORTE DO PR, LESTE DO MS E SUL DE MG. USO DO R RETROFLEXO [ɾ] EM FINAL DE SÍLABA COMO PRINCIPAL MARCA.

*O dialeto caipira é falado mais no interior de São Paulo, norte do Paraná, leste do Mato Grosso do Sul e sul de Minas Gerais. O –r retroflexo é a principal marca [risos]: meRda, poRta, tudo esse –r aí. Tem a ausência do –lh, que é a lateral palatal, invés deles falarem velha, telha, falam veia, teia. Tem a falta do plural... muito... acho que é a falta do plural... é: as coisa que a gente fala; as coisa que nós faiz. Tem também algumas próteses, só consegui achar dois exemplos: alembro e ajuntar. Coloca esse –a na frente, que é muito de lá. Aliás, o dialeto caipira não é o daqui de [nome do lugar], aqui tem uma influência, mas não é o caipira puro. Teve origem no Brasil colonial. Mistura de vários falares, dos bandeirantes, dos escravos e dos índios, tanto que o termo caipira vem do tupi capira, ou capir, não sei como se pronuncia, como se fala, sei que é o cortador de mato. É um dialeto estigmatizado, se for ver em jornais do interior, pelo menos nas cidades em que eu vi, as pessoas tentam utilizar mais o dialeto paulistano, esconder esse marca, principalmente do –r. [Risos] Ele é estigmatizado, a mídia pede pra não utilizar ele, mesmo nas regiões do interior. Só que em contrapartida, o dialeto caipira tem uma forte cultura por trás dele, tem as músicas caipiras, o próprio estilo de vida caipira e tem também na literatura o Jeca Tatu, do Monteiro Lobato, Juliano [outro participante do grupo] vai um pouco dele depois também, que carrega as características do caipira. Isso acaba agindo assim como uma afirmação ou até pra manter o dialeto vivo. Se fosse levar só pela estigmatização, ele seria extinto, eu acho. Não sei.*

### Trecho 3 – Seminário da área de Ciências Exatas. Tema: Combustível Hidrogênio

**Paulo:** Bem, boa tarde. [indicando os nomes projetados na tela] Nosso grupo é esse aqui. A gente vai falar sobre o a utilização de hidrogênio como combustível.

**T.S.:** OBJETIVO [não foi possível ler os textos apresentados por esse grupo na gravação de vídeo por nós realizada]: *O objetivo do nosso trabalho é apresentar alternativas aos combustíveis fósseis que a gente sabe que são fontes não renováveis e a gente escolheu o hidrogênio que é um combustível renovável.*

**T.S.:** PORQUE O HIDROGÊNIO? [Apresentador olhando apenas para a tela de projeção]: *Por que que a gente escolheu o hidrogênio? Primeiramente porque ele pode ser obtido de diversas maneiras e um gás limpo, não tóxico e a energia pode ser transferida – a energia produzida por ele – para lugares longes, para os polos que utilizam dessa energia. Existem novas técnicas agora que a gente tem um ótimo aproveitamento e tem três vezes mais energia que a gasolina, que é o combustível mais utilizado.*

[Slide – texto não passível de leitura na gravação. Novo apresentador, vindo do lado direito da sala, lado oposto ao apresentador anterior, para o centro, próximo à tela de projeção]

**Sílvio:** *Bem o hidrogênio pode ser obtido de diversas formas. Industrialmente isso pode ser feito pela eletrólise da água ou pela produção de nitrato [palavra não inteligível] de sódio, esse equação aí embaixo, mas o processo industrial mais comum para a produção de hidrogênio*



*chama formação catalítica, que você pega um hidrocarboneto ou o carvão, no caso a gente pegou o metano também, e reage com água entre 700 e 1.100 graus célsius e essa água vai formar o hidrogênio e o monóxido de carbono. Esse monóxido de carbono, ele vai ser submetido a utricação [palavra não inteligível] com a água, dessa vez, líquida, pra produção de hidrogênio de novo e o dióxido de carbono.*

Analisando o léxico de cada um dos trechos acima, nota-se que os substantivos, em sua maioria, e alguns verbos são bastante específicos de cada uma das áreas do conhecimento em que esses textos<sup>viii</sup> foram produzidos: *“transgênicos, transgenia, sementes patenteadas, produção, alteração... consumir, ocorrer, produzir...”* são empregados na apresentação do seminário da área de Ciências Agrárias. Além disso, percebe-se a construção *“tem que estar”*, uma asserção ou afirmação categórica, em que o enunciador expressa uma certeza quase inquestionável em sua fala. Quanto às três funções, as quais estão intimamente inter-relacionadas, por meio da análise da: **a. ideacional**, nessa sequência linguística (*“tem que estar”*), observa-se a subordinação de algo (sujeito) a algo (objeto), no caso, informações sobre transgenia *tem que estar* presente nos cupons fiscais; **b. interpessoal**, a qual mais se destaca nessa construção, o enunciador pretende gerar em seus coenunciadores, por meio de uma relação afirmativa, a adesão a seus dizeres, a fim de que eles assumam o pensamento de que é direito do consumidor saber o que ele está consumindo e dever dos produtores prestar informações aos consumidores; e **textual**, como o assunto em questão é *transgenia*, o enunciador a destaca, pondo-a como sujeito da oração, para que depois essa possa ser ligada ao objeto da expressão verbal.

Analisando as demais enunciações deste seminário, observa-se que esse tipo de construção em que se afirma categoricamente algo, para tentar convencer a audiência, é bastante recorrente. Obviamente, essas construções tem relação com tema da apresentação, com o estilo do gênero e dos apresentadores, com a própria estrutura do gênero<sup>ix</sup> (cf. BAKHTIN, 2003), mas também, a nosso ver, com o contexto de interação, produção e consumo, pois os enunciadores sentem-se à vontade para interagir dessa forma, uma vez que conhecem seus coenunciadores e que acreditam ter liberdade para tratar o assunto dessa forma. Contudo, será que fora desse contexto, eles manteriam essa forma de interação?

No caso do curso de ciências humanas, nota-se o emprego de palavras de conhecimento restrito: *“dialeto, retroflexo, lateral palatal, prótese”*. *Retroflexo* no caso diz respeito a um tipo de ocorrência do emprego do –r, principalmente no final de frases, embora



o sentido seja próximo de *dobrado para trás*, esse não é o único quando empregado na apresentação em questão, esse sentido amplia-se para especificar e identificar um tipo de som produzido pelo fonema em questão, em determinados dialetos. *Prótese* é um exemplo de palavra com sentido difuso e restrito. No caso do seminário, ela não é empregada com sentido de *substituição de alguma parte do corpo por algo artificial*, mas, com sentido específico da área de linguística, na qual é definida como o acréscimo de uma letra ou sílaba no início de palavras, sem alteração de sentido. Nesse caso, esse sentido é próprio de determinado grupo, pois possivelmente se empregado, sem alguma explicação do que seja, muitos tenderão a pensar no sentido mais disseminado, o qual não estará devidamente de acordo com a intenção do enunciador. Todavia, o apresentador considerou que o sentido restrito era conhecido por seus coenunciadores ou não sentiu necessidade de especificá-lo. Isto está em parte relacionado às funções interpessoal e textual, pois o enunciador entende que sua explicação será suficiente para o entendimento dessa palavra por parte de seus coenunciadores, pois julga que isso não afetará a continuidade da interação estabelecida, uma vez que será exemplificado e possivelmente compreendido com a fala subsequente *“alembro e ajuntar. Coloca esse -a na frente”*. Já a função ideacional é percebida principalmente, nessa oração, por meio do verbo *colocar*, que pressupõe uma ação direcionada, envolvendo algo (objeto). Observa-se que o enunciador orienta a ação a ser realizada, a colocação do *-a* no início da palavra. É necessário salientar que para ao mesmo tempo em que estamos analisando uma função estamos também analisando as demais, pois, conforme já exposto anteriormente e ressaltado por Halliday (1973), nenhuma função ocorre isoladamente (cf. MARTINS, 2007).

Na apresentação do seminário da área de Ciências Exatas, tem-se o emprego de um léxico, bastante restrito a um conhecimento próprio dos graus mais avançados de estudos. Nota-se a presença de uma terminologia própria da área de química, por vezes, no Brasil, já apresentada no ensino médio: *“hidrogênio, combustíveis fósseis, fontes não renováveis, eletrólise, formação catalítica, monóxido... obter, submeter, produzir, reagir...”* No caso dessa apresentação, não houve por parte dos apresentadores nenhuma explicação sobre o que essas palavras significariam, partiu-se da pressuposição de que todos conheciam essa terminologia, ou seja, todos já tinham conhecimento sobre o que estava sendo tratado. Isto revela a pressuposição de que os participantes, expositores e audiência, dessa atividade partilham conhecimentos necessários para assegurar a interação.



Verifica-se em todas as apresentações o cuidado, por parte dos expositores, para assegurar que a audiência estivesse acompanhando o raciocínio desenvolvido. Na apresentação 1, observa-se sempre a retomada do texto projetado, o qual, algumas vezes, foi lido na íntegra, e o emprego de expressões como “**a.** eu acho que a maioria do pessoal aqui conhece; **b.** ou seja; **c.** Além do produto... estar específico no produto, tem que estar vindo no cupom fiscal e em vários outros... é... meios de informar o consumidor e em todo o processo da cadeia de produção. Desde a produção, o produto já tem que estar com esse certificado de transgenia até o produtor final, para que não ocorra alteração... para que possa o consumidor final estar a par do que que foi totalmente produzido com a transgenia”. No caso **c.**, a intenção é deixar evidente o pensamento do expositor à audiência, por isso ele parafraseia a ideia de que é preciso que estejam presentes no rótulo do produto informações sobre a questão da transgenia, ao mesmo tempo em que apresenta novas informações para orientar a produção de sentidos por parte dos coenunciadores.

Na apresentação 2, observam-se construções de períodos curtos. Em poucos momentos, alguns períodos longos, construídos por meio de coordenação e subordinação: “O dialeto caipira é falado mais no interior de São Paulo, norte do Paraná, leste do Mato Grosso do Sul e sul de Minas Gerais; Mistura de vários falares, dos bandeirantes, dos escravos e dos índios, tanto que o termo caipira vem do tupi capira, ou capir, não sei como se pronuncia, como se fala, sei que é o cortador de mato; Ele é estigmatizado, a mídia pede pra não utilizar ele, mesmo nas regiões do interior. Só que em contrapartida, o dialeto caipira tem uma forte cultura por trás dele, tem as músicas caipiras, o próprio estilo de vida caipira e tem também na literatura o Jeca Tatu.” As construções acima soam como um escalonamento de ideias, com vistas a esclarecer o raciocínio desenvolvido pelo expositor, tanto para ele mesmo, quanto para sua audiência. Em alguns momentos a coesão é rompida “Ele é estigmatizado, a mídia pede para não utilizar ele”. O trecho analisado, na verdade, lembra uma conversa espontânea, na qual, se vai enumerando diversas informações durante a interação.

Entretanto, isso não configura o gênero como primário. A semelhança com a conversa está na progressão textual, por meio da construção de períodos curtos, porém, a partir da análise das multifunções, da consideração do contexto interacional e dos elementos constituintes do gênero, pode-se considerar que o expositor tenta estabelecer uma inteiração mais próxima com sua audiência, por meio deste tipo de construção, para conseguir prender a



atenção de seus coenunciadores. Assim, isso seria uma estratégia, própria de um dado gênero discursivo, empregado pelo enunciador em outro, com vistas a alcançar determinado objetivo.

Quando se analisa a apresentação 3., observa-se a presença de períodos longos, construídos em sua maioria por hipotaxe: *“Existem novas técnicas agora que a gente tem um ótimo aproveitamento e tem três vezes mais energia que a gasolina, que é o combustível mais utilizado.”* Esse tipo de construção sintática é própria de gêneros escritos, como os de divulgação científica e literários. Analisando o texto, infere-se que o raciocínio dos apresentadores está muito bem construído para eles próprios, o que facilitaria a compreensão da própria audiência. Contudo, parece haver uma distância entre os apresentadores e seus coenunciadores (função interpessoal), devido, justamente, a esse tipo de construção sintática (função textual). Isso pode ocorrer justamente porque na escrita para o coenunciador (leitor), o enunciador (autor/escritor) é alguém não presente, ou ainda, trata-se de uma interação não face a face, mas mediada pelo texto. Assim, embora a interação, nesse caso, seja presencial, a linguagem parece criar uma mediação muito forte, por empregar uma construção próxima à da escrita.

Na tentativa de romper esse afastamento, os enunciadores vão empregar a locução pronominal *a gente* para minimizar a formalidade estabelecida pelo emprego do pronome *nós*, uma vez que esse já não é tão empregado em situações de interação espontânea ou corriqueira, como *conversas*, *msn*, *bate-papo...*; e *você*, um pronome próprio destas situações, mas que possui uma abrangência muito ampla, pois no caso deste seminário, *você* não indica ninguém em específico, mas sim todos aqueles que participam da interação. Destarte, os apresentadores conseguem envolver a audiência, de forma a tentar diminuir o afastamento criado pela linguagem empregada.

Até agora, estávamos observando a dimensão textual, tentando observar como ela ocorre nos seminários por nós analisados. É fato que não esgotamos todas as possibilidades de análise, mas buscamos tratar principalmente das mais vicejantes a nossos olhos e que fossem relevantes para explicar e expor a teoria aqui empregada.

Passaremos agora a análise da segunda dimensão, levando em consideração os pressupostos estabelecidos por Meurer (2005: 83. Grifos do autor.):

*prática discursiva* – busca a interpretação do texto e para isso se preocupa com questões relativas à sua produção, distribuição e consumo [...]. Os principais





focos [...] deste nível são: como se estabelece a coerência do texto, qual é a sua força ilocucionária e que aspectos intertextuais e interdiscursivos estão presentes no texto.

Conforme se pode notar, esta dimensão está bastante relacionada à primeira, a textual, pois para se entenderem questões referentes a produção, consumo e distribuição, precisamos analisar o texto. Já fizemos parte dessa análise, agora a expandiremos.

Analisando o seminário 1, perceberemos a presença de um discurso contrário à transgenia, *“ele [produto transgênico] tem o lado bom que é na parte da produção[...], mas algumas pesquisas que os cientistas estão fazendo mostram que tem uma parte ruim, que é o aumento significativo na aplicação de pesticidas, o que acaba provocando o câncer e a própria morte.”* Os apresentadores se valem do discurso científico para corroborar o discurso que desejam construir. Para tanto, os apresentadores produzem orações assertivas, conduzindo a audiência a partilhar do mesmo pensamento exposto, *“o que acaba provocando..., tem que estar... para que posso o consumidor final estar a par...”*. Dessa forma, eles vão construindo um texto coerente à medida que conseguem fortalecer o discurso que pretendem construir sobre a transgenia.

No seminário 2, nota-se a construção de um discurso favorável aos dialetos regionais. Por meio de uma explicação linguística, o apresentador visa a construção de uma explicação que possibilite compreender os diferentes modos de falar não como um erro, mas como algo histórico e cultural, e, assim, que não deve ser desprestigiado. Para tanto ele opõe o discurso midiático, que oprimiria dialetos diferentes aos de prestígios, à permanência e resistência do dialeto caipira. A coerência do texto é produzida por meio de orações não categóricas, mas assertivas-explicativas. As brincadeiras também servem como forma de explicação, além disso, serve para manter ou reestabelecer a interação, sem com isso afetar a coerência textual.

No seminário 3, verifica-se a construção de um discurso científico sobre o emprego de outros meios de produção de combustíveis. É um discurso bastante atual, se pensarmos que atualmente há uma constante busca por combustíveis que não degenerem a natureza. Por ser um tema bastante atual e bastante próximo da área de conhecimento dos expositores e da própria audiência, o que se tem na verdade são orações que, no encadeamento, produzem asserções com vistas à explicação de um processo químico. Nesse sentido, parece haver uma justaposição de gêneros na medida em que o seminário assume traços de uma aula, quando Sílvia começa a explicar os meios de produção de combustível hidrogênio.



Percebe-se que os temas escolhidos por cada um dos grupos estão de acordo com sua área de conhecimento. Nesse sentido, a produção dos seminários por cada grupo está associada a outras formas de seminários consumidas, no sentido de vivenciadas e partilhadas, pelos próprios estudantes e que eles reconhecem como formas válidas de distribuição do conhecimento próprio de sua área. Desta forma, ao produzirem seus seminários, os estudantes já preveem discursos e saberes que seriam mais adequados com relação a seus consumidores, no caso, seus amigos de curso, pois, conforme Maingueneau (2005) explicita, há regras discursivas que são tácitas aos coenunciadores e que regulam a interação verbal. Nesse sentido, uma das regras da conversação seria adequar o discurso, não o tornando hermético, para que os enunciadores possam interagir. Além disso, a previsão de discursos coerentes e adequados ao público interagente é uma forma de validar (cf. MAINGUENEAU, 2005) a atividade linguística. Isso, de certa forma, explicaria o porquê dos temas estarem de acordo com as áreas do saber.

Entretanto, os consumidores também influenciam na produção do gênero. Na medida, em que o pesquisador foi a campo, colher dados, também observou a forma de interação entre os estudantes. No caso das áreas de Ciências Agrárias e Humanas, os estudantes demonstraram possuir certo grau de afinidade, uma vez que compartilhavam de brincadeiras e demonstravam uma interação mais próxima um com os outros. Assim, a presença de orações categóricas, no seminário 1, não é inadequada, uma vez que os próprios alunos empregavam formas categóricas em suas interações espontâneas e, algumas vezes, depois riam, para relativizar a força desse tipo de asserção. No caso dos estudantes da área de Exatas, a interação era bastante isolada, a ponto de grupos não saberem nomes dos demais estudantes da sala. Isso pode mais uma vez justificar certo afastamento existente entre os expositores e a audiência, e a semelhança com a aula de graduação, uma vez que essa é uma forma de interação em que o professor não conhece todos seus alunos, mas precisa interagir como se os conhecesse.

Além disso, os seminários estão de acordo com a distribuição prevista pelo gênero. Como os estudantes das áreas de Ciências Agrárias e Humanas já conhecem seus coenunciadores, eles conseguem estabelecer uma interação mais amigável, visto que estão entre conhecidos e trata-se de uma interação face a face. Justamente, o possível desconhecimento dos coenunciadores conduz o grupo 3, a construir uma interação mais formal e distante. Entretanto, em todas as apresentações, percebe-se a pressuposição de



alguns conhecimentos prévios por parte dos coenunciadores, o que permite aos apresentadores não se deterem em explicá-los.

Dessa maneira, chegamos à terceira dimensão da análise proposta pela ACD e apresentada por Meurer (2005: 83), a *prática social*:

busca a explicação para o evento discursivo, focalizando práticas sociais, i. é, o que as pessoas efetivamente fazem, e como as práticas sociais se imbricam com os textos analisados, i. é, como as estruturas sociais moldam e determinam os textos e como os textos atuam sobre as estruturas sociais.

Por meio dessa dimensão, pode-se pressupor que os estudantes constroem (previamente ou não) maneiras de como apresentar seminários. Para isso, eles levam em conta o tema a ser discutido, o contexto de interação e também a situação de produção. É nesse ponto que parece estar mais visível a questão da prática social nos seminários apresentados. Primeiramente, os estudantes estão sendo avaliados, nesse sentido há toda uma construção pelos elaboradores dos seminários para atender às expectativas do avaliador, no caso, o professor. Assim, há todo um trabalho com a linguagem a fim de torná-la mais adequada à situação de apresentação, ao mesmo tempo, compreensível à audiência, por isso, vemos uma tentativa de contemplar uma linguagem mais formal, própria dos gêneros acadêmicos, e assegurar a atenção do público.

Além disso, questões relativas ao poder perpassam os seminários. Os apresentadores ocupam o lugar geralmente do professor e, por isso, sentem-se à vontade para empregar e construir textos semelhantes aos desenvolvidos por este em sala de aula. Outro aspecto diz respeito à busca de ser politicamente correto, isto é, de não quebrar as expectativas construídas socialmente sobre determinada questão. Nenhum grupo se contrapôs ao ponto de vista social em relação aos temas apresentados. Nesse caso, a força do discurso hegemônico fica evidenciada, pois as relações de poder que existem na sociedade, que validam ou desprestigiam discursos, também estão dentro da universidade, uma vez que essa faz parte da própria sociedade. Embora o grupo de ciências humanas tente se opor a uma visão de desprestígio das variantes regionais, essa oposição ocorre de forma velada, ao ponto de no fim do trecho analisado, o próprio expositor por em dúvida suas afirmações anteriores (“*eu acho... não sei...*”), evidenciando a luta ideológica entre os discursos dominante/hegemônico e periférico/inferiorizado.



É por meio dessa dimensão que se percebe como o estudante assume ou procura demonstrar o conhecimento sobre o qual está discorrendo. É conhecido, e assim se espera, que os estudantes ao realizarem os seminários demonstrem domínio sobre aquilo de que tratam. Esse domínio, a nosso ver, envolve o conhecimento do tema, mas também a linguagem própria de cada uma das áreas e do próprio gênero em questão. É por isso que cada grupo vai desenvolver um estilo diferente, dentro do mesmo gênero. Esse estilo está relacionado às atividades em que os estudantes participam. Assim, torna-se visível a diferenciação entre as maneiras de apresentação de seminário, de acordo com as áreas do conhecimento, pois cada uma possui termos próprios e também conhecimentos que são compartilhados por seus participantes. Isto, por sua vez, em nosso entender, produz diferenciações também na forma de realização do mesmo gênero, na mesma esfera, ou seja, no estilo do gênero discursivo.

#### 4. Conclusão

Podemos considerar, portanto, do ponto de vista linguístico-discursivo, que há diferentes culturas de conhecimento que formam ou que coexistem na esfera acadêmica. Nesse sentido, elas são formadas, a nosso entender, por grupos de interesse, nos quais os membros compartilham conhecimentos e linguagem entre si. Concomitantemente, essa linguagem e esses conhecimentos compartilhados vão modelando as atividades realizadas pelos membros e construindo também modelos de gêneros próprias da área que pertencem.

Quando os estudantes participam de seminários, por exemplo, estão se apropriando de atividades complexas, com características próprias de suas áreas, ou seja, eles estão inseridos em atividades de letramento acadêmico, e, por isso, se apropriam de estilos consoantes às suas esferas de atividade. Nesse sentido, pode-se considerar que o estudante vai se apropriando textual e discursivamente de forças sociais que permeiam a academia, e que estão relacionadas a seu curso.

Assim, vemos que a apropriação de um gênero não diz respeito apenas a questões languageiras, em sentido estrito, mas também de convívio cultural e de poder. Os estudantes, conforme desenvolvem suas atividades de apresentação de seminários, demonstram que dominam a linguagem, o discurso, mas também o estilo pré-construído pelos membros de sua



área de como interagir em determinadas atividades. Não significa considerar que esses pré-construtos não podem ser alterados, mas a alteração seguirá também normas da cultura e do grupo de que eles participam.

Podemos, por fim, considerar que os estudantes vão cada vez se apropriando de uma linguagem-discursiva e de padrões interacionais típicos e próprios da área de que participam e quando comparados, observa-se que os grupos possuem diferenças entre si, o que sugere que dentro da esfera acadêmica existam diferentes formas de cultura, de acordo com os grupos de poder/política, cujas identificações podem ser percebidas via participação em atividades linguísticas.

---

<sup>i</sup> É necessário deixar evidenciado que adotamos a não diferenciação entre enunciado e enunciação, conforme o faz Bakhtin (2003).

<sup>ii</sup> Tradução nossa: *“os gêneros são representações intersubjetivas de eventos que são construídos com referência em nossa experiência compartilhada de situações discursivas recorrentes. Assim, eles são relativamente estáveis. Ao mesmo tempo, os gêneros são processos sociais e, assim, dinâmicos, realizados em diferentes registros”*.

<sup>iii</sup> Tradução nossa: *“intrinsecamente ligadas às estruturas de cultura e poder na sociedade e ao reconhecimento da variedade de práticas culturais associadas a leitura e escrita em diferentes contextos”*

<sup>iv</sup> É preciso demarcar que toda a linguagem envolve questões de poder, pois todo signo linguístico é ideológico (cf. BAKHTIN, 2003; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006; FAIRCLOUGH, 2001).

<sup>v</sup> Por *cultura*, compreendemos um conjunto complexo de padrões de comportamentos, crenças, conhecimentos e valores apropriados por um sujeito e compartilhados por grupo de pessoas ou por uma sociedade (cf. TYLOR, 1977), ou ainda, conjunto de conhecimentos adquiridos (sócio-historicamente) em determinado campo de atividade humana (cf. BAKHTIN, 2003).

<sup>vi</sup> Todos os nomes aqui apresentados são fictícios e não possuem nenhuma relação com os participantes, uma vez que o próprio pesquisador não tem conhecimento direto de seus nomes. Os nomes serão empregados com a finalidade de facilitar quem está com o turno conversacional em determinada situação e, conseqüentemente, ajudar em nossa análise.

<sup>vii</sup> Para transcrições dos turnos conversacionais, optamos por não transcrever as hesitações/suspensões, muitas redundâncias e desvios da norma padrão – a não ser que esses fossem interessantes para a análise –, de forma que a leitura dos trechos seja fluente e também porque isso não influencia em nossas análises. Ao mesmo tempo, mantivemos o conteúdo das falas.

<sup>viii</sup> Compreendemos *texto* como (conjunto de) enunciado(s) que produz sentido completo (cf. MAINGUENEAU, 2005), independentemente de que sejam escritos ou orais.





<sup>ix</sup> Para fins didáticos, podemos relacionar as multifunções (HALLIDAY, 1973) e os elementos constituintes do gênero discursivo (BAKHTIN, 2003) da seguinte forma: função ideacional e tema, função interpessoal e estilo, e função textual e estrutura composicional. Lembrando, sempre, que todos estão inter-relacionados.

## Referências

- AMOSSY, R. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso, in: \_\_\_\_\_. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-16.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M./VOLOSHINOV. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2006.
- COHEN, A. **O Homem Bidimensional: A Antropologia do Poder e o Simbolismo em Sociedades Complexas**. Rio de Janeiro: 1978.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FREUND, J. A Sociologia Política, in: \_\_\_\_\_. **A Sociologia de Max Weber**. Rio de Janeiro; São Paulo: Forense, 1975. pp. 167-184.
- GEE, J. P. New Times and New Literacies: Themes for a Changing World, in: BALL, A. F. & FREEDMAN, S. W. (Orgs.). **Bakhtinian Perspectives on Language, Literacy and Learning**. New York: Cambridge University Press, 2004. pp. 279-307.
- HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1973.
- JAPIASSU, H. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1975.
- KOCH, I. V. A atividade de produção textual, in: \_\_\_\_\_. **O texto e a construção dos sentidos**. 9ed. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 11-30.
- LEONTIEV, A. N. Aspectos psicológicos de personalidade e atividade, in: \_\_\_\_\_. **Atividade, consciência e personalidade**. 1978. Disponível em: [http://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activ\\_person/cap05.htm#54](http://www.marxists.org/portugues/leontiev/1978/activ_person/cap05.htm#54), acessado em 10 de janeiro de 2011.
- MAINGUENEAU, D. **Análise de Textos de Comunicação**. São Paulo: Cortez, 2005.
- \_\_\_\_\_. A propósito do *ethos*, in: MOTTA, A. R. & SALGADO, L. (Orgs). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. pp. 11-29.
- MARTINS, M. S. C. A apropriação da linguagem escrita como parte de eventos sociais complexos, in: MIOTELLO, V.; SIGNORI, M.; GATTOLIN, S. R. B. & BRITO, M. I. M.. (Org.). **Década - Dez anos entre o aprender e o ensinar linguagens**. São Carlos: Pedro & João Editora: 2007.
- MARX, K. H. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1984.



---

MEURER, J. L. Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough, *in*: \_\_\_\_\_. Bonini, A. & MOTTA, ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola editorial, 2005. pp. 81-106.

MOTTA-ROTH, D. The Role of Context in Academic Text: Production and writing pedagogy, *in*: BAZERMAN, C.; BONINI, A. & FIGUEIREDO, D. (Orgs.). **Genre in a changing world**. Indiana, USA: Parlor Press, 2009. pp. 321-340.

PAVEAU, M.-A. & SARFATI, G.-E. Os estruturalismos funcionais, *in*: \_\_\_\_\_. **As grandes teorias da linguística**: da gramática comparada à pragmática. São Carlos: Claraluz, 2006. pp. 115-134.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

STREET, B. Introduction: the new literacy studies, *in*: \_\_\_\_\_ (Org.) **Cross-cultural approaches to literacy**. New York: Cambridge University Press, 1993.

TYLOR, E.B. **Cultura primitiva**, vol. I. Madri: Ayuso, 1977.